



O Ceará e a Abolição

Uma coisa sempre ouvi repetir no Ceará, conhecida de todos e que para mim se tornou sedição: ser esse Estado da Federação o primeiro, que libertou todos os seus escravos. Quem deu o primeiro exemplo na antiga província e no Imperio (1 de Janeiro de 1883) foi o município de Acarape, que por esse motivo recebeu o baptismo de «Redempção», annos antes de ser abolida a manumissão no Brasil por sanção legislativa.

Não ha livro algum, destes «que levam ás escolas os exemplos de nosso civismo», que deixe de registrar, exalçando, o faustoso acontecimento, incontestavelmente a pagina mais bella e mais aurifulgente da historia do Ceará, redimindo em espaço de tempo relativamente curto, por força de tenaz e veracissima propaganda da «Libertadora Cearense» (1), todo o captiveiro existente na provincia. Victor Hugo e Schoelder, soberanos vultos da velha França, tiveram palavras de enco-

Notas: 1) A Sociedade «Libertadora Cearense» foi inaugurada a 8 de Dezembro de 1880, no Paço da antiga Assembléa Provincial.

raiosamente para os heroicos batalhadores da grande cruzada, na opinião de Ruy a mais bella, a mais limpa, a mais util de todas as nossas conquistas moraes, de todas as nossas transformações economicas, de todas as nossas renovações sociaes nos quatro seculos de existencia deste ramo do genero humano (2). Saudaram-n'os, ambos, enthusasticamente, e o primeiro delles, sem duvida, — «o maior genio do seculo das letras», prophetizou que o exemplo do Ceará havia de passar, como de facto passou, ao resto do Brasil.

Outro facto incontestado é que a abolição do trabalho servil teve no Ceará o seu factor preponderante, mais decisivo e energico dando ainda uma lição de vida civica ás suas co-irmãs mais ricas e mais poderosas, por isso mesmo mais adiantadas, capazes de conjurarem a escravidão com maior parcella de abnegação que a legendaria Terra da Luz.

Agora, porém, em escripto que me caiu nas vistas «Alagoas em 1922» (3), trabalho que honra, sobremodo, os credits literarios de seu autor, — o professor Moreno Brandão, que occupa, com justo renome, a cadeira de Alves de Faria — o maximo expoente da poesia alagoana, dá como sendo o escuso villarejo da tradicional Alagoas — «Entre Montes», actualmente pobre e mesquinha povoação de curtidores, porém outr'ora florescente localidade — o primeiro ponto do Brasil que, por um accordo verbal de seus mais abastados habitantes, alforriou, incondicionalmente, os seus escravos. Isto passou-se, diz-o Moreno Brandão, cerca de um decennio antes da lei de 13 de Maio de 1888, quando, em sua terra, o abolicionismo teve de ser propagado com mais ardor e maior vehemencia.

Terá razão o acatado intellectual alagoano avançando a sua proposição sem um documento, que o com-

2) Prefacio á obra «A Abolição», de Osorio Duque-Estrada.

3) Publicado no «Diario de Pernambuco», edição de 17 de Setembro de 1922.

prove e que possa nos deixar a salvo de qualquer dúvida? Acaso a sua revelação veio desmentir um ponto até hoje incontestado na historia, dando ao Ceará a primazia no alevantado feito, que tanto ennobrece os nossos denodados patricios?

Se de facto, como affirma o emerito escriptor, cabe á terra do immortal Floriano o «desvanecimento» de haver sido o primeiro ponto do Brasil que passou, sem restricções, a carta de alforria aos seus escravos, dez andos antes, pelo menos, da existencia da aurea lei, rendamos-lhe o devido preito de homenagem, façamos-lhe a merecida justiça: e estas hosannas, que amiudadamente, quasi todos os dias, estamos entoando ao Ceará, offertemos-lhe com o mais fervoroso entusiasmo, com o mesmo calor que estamos acostumados a aqui fazer. Nada de bairrismo. Acima do orgulho regionalista, como bem disse o professor Assis Cintra, procurando reivindicar para Gonçalves Lêdo, fautor maximo da Independencia, o que os falsos historiadores emprestavam a José Bonifacio, no seu entender, pseudo patriarcha dessa mesma Independencia, está a verdade historica, o respeito á justiça soberana. Em se tratando das consagrações patrioticas, desaparecem preconceitos de provincias: só ha o Brasil, só ha brasileiros, doutrina o douto escriptor.

Emquanto, porem, Moreno Brandão não justificar a sua asserção expendida nesse monumento, que deu a publico, recentemente, — «Alagoas em 1922», tão vultuoso trabalho que dada a sua superioridade, os seus minimos detalhes nos dominios historico, economico, politico, literario, artistico e social do valoroso Estado nordestino, não se escreverá de hoje em diante sobre essa terra sem que o mesmo seja aproveitado, emquanto não houver prova em contrario, não será demasiado repetir, se não poderá deixar de affirmar caber ao Ceará a prioridade no memoravel acontecimento, que constituiu a abolição dos escravos.

Não deve ser desconhecida do propecto academico alagoano a acção do Ceará nessa bemdicta cruzada

«que se marca em grossas letras de ouro nas paginas de nossa historia» e na qual se notabilizaram vultos da enfibratura de João Cordeiro, José e Isaac Amaral, Justiniano de Serpa, Rodolpho Theophilo, Barão de Studart, Julio Cezar, Pe. João Augusto da Frota, Alfredo Salgado e Carlos Jatahy, para só citar os sobreviventes da nobilitante campanha, que dignifica este rincão nordestano e que enche de justa ufania os seus nobres filhos, proclamando como de facto proclamaram a 25 de Março de 1884, «por entre demonstrações entusiasticas de toda a população da capital da então provincia», a abolição total da escravidão nos municipios do Ceará, quatro annos anteriores, portanto, á sancção legislativa.

Todo mundo sabe como se travou esse porfiado prélio abolicionista, entre nós, tão cheio de episodios interessantes, alguns de verdadeiro estoicismo, denotando muito arrojo e não menos audacia dessa meia dúzia de homens que jurando trabalhar pela sympathizada causa até a morte, (4) em um periodo assás diminuto conseguiram gritar ao mundo: *O Ceará está livre.*

Osorio Duque Estrada escrevendo o seu Esboço Historico («A Abolição»), trabalho, que mereceu uma

4) Por ser por demais curioso vejamos um topico desse juramento, que se tornou macabro pela maneira por que foi feito:

«Depois de fechada a porta da entrada e accensas as velas das lanternas, João Cordeiro, que occupava o centro da cabeceira, levanta-se e arrancando da cava do collete um punhal, atira-o com força no meio da mesa, onde ficou cravado oscilando sinistramente ao reflexo das luzes, e disse: Meus senhores, exijo de cada um de nós um juramento sobre este punhal para matar e ser morto, se preciso, em bem da abolição dos escravos. Vamos travar lucta terrivel com o governo, e por isso está muito em tempo de se retirár aquelle que for amigo do mesmo governo, ou delle for dependente.

Quem não tiver coragem para tanto pode sair, que ainda sae a tempo; e immediatamente se retiraram nove» (Trecho de artigos de ANTONIO BEZERRA, publicados no "Diario do Ceará" sobre a «Libertadora Cearense»).

prefácio de Ruy Barbosa, por sua vez, como José do Patrocínio, um dos mais ardentes batalhadores da abolição ao lado de Joaquim Nabuco, Ferreira de Azevedes e outros, dedicou um capítulo especial á libertação do Ceará no qual em minucioso historico, que faz da campanha travada na antiga provincia, no seu modo de ver — a mais generosa, a mais entusiastica e a mais popular de quantas até hoje se tem pelejado no Brasil, tece um hymno de louvores á benemerita e decidida acção dos libertadores cearenses. Não era crível que procurando o douto membro da Academia Brasileira de Lettras historiar o que foi a grande conquista da abolição no Brasil (1851 a 1888) na sua phase mais aguda, phase propriamente «revolucionaria», como a classificou e no qual foi minudente, esmiuçando esse largo periodo em todos os seus pormenores, não alludisse nem sequer de leve á vehemente campanha abolicionista desenrolada cêrca de um decennio antes da lei de 13 de Maio, no Estado de Alagoas, quando para o Ceará teve o maximo carinho, dedicando-lhe algumas dezenas de paginas de seu bello livro.

E' que ali, em Alagoas, salvo o escuso villarejo Entre-Montes, a propaganda em favor do abolicionismo, como reconhece o proprio professor Moreno Brandão, não teve os fervorosos adeptos, que se distinguiram tanto no sul como no Ceará, excepção unica do obcecado coronel Francisco Domingues da Silva, que foi, não ha duvida, um abnegado, sacrificando os interesses de familia e a propria segurança em prol da redempção dos captivos.

Rendamos, pois, mais uma vez, o nosso preito de verdadeira homenagem a essa meia duzia de pujantes que levantaram o nome do Ceará ainda mais do que perpetuando a memoria indelevel do genial patricio (Pedro Pereira da Silva Guimarães), que arrostando com o indifferentismo do meio em que vivia, o de puros escravocratas, teve a coragem unica, só digna dos cearenses, de levantar sua tonitruante voz no parlamento em defesa da raça negra, apresentando (1851) um pro-

jecto de lei que visava a liberdade dos nascituros e a prohibição de se alienarem, separadamente, os conjuges escravos, e dando deste modo o grito de alarme para início, infelizmente annos bastante empós, da grande causa, que se tornou em realidade com a sua victoria em 1888.

EUZEBIO DE SOUZA.

